

och

URILO MELO FILHO

POSSE NO
B
O BRASIL

1)-5
6p
/ Ex.01 F000259

FARN

MURILO MELO FILHO

Posse no Pen Club do Brasil

"Aqui me encontro após uma áspera e sofrida maratona pelo Brasil e pelo mundo inteiro, com algumas turbulências e alguns acidentes de percurso. Durante essa caminhada — em areias não raro movediças — muito andei, muito vaguei e muito peregrinei. Trago na sola dos sapatos aquilo que Manuel Bandeira chamou 'a poeira das extensas estradas percorridas'.

Neste Pen Club, encontro caminhantes e andarilhos de outras peregrinações. Enfim, aqui me tendes, ao vosso lado e a vosso serviço. Elegestes um homem que foi até agora, única e exclusivamente, um jornalista profissional e participante do seu tempo, do seu povo e do seu país, envolvido com os dramas de um velho mundo e de um velho século, que se debatem nos estertores de uma agonia *in extremis*, ao lado de um mundo novo e de um novo milênio, emergentes, que nascem envoltos em grandes esperanças."

M.M.F.

PB.25.274
FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg. F000259
14/11/05
F
82(811-5
M486P
1994
Ex 01

ARNALDO NISKIER

Discurso de saudação ao escritor e jornalista Murilo Melo Filho, na solenidade de posse como novo Membro Titular do Pen Club do Brasil

"Tudo quanto se faz pela nossa terra natal tem uma importância atávica e um valor em dobro" (MMF)

☐ Exmo. Sr. Professor e Acadêmico Marcos Almir Madeira, Presidente do Pen Club do Brasil.

☐ Exmo. Sr. Embaixador Jerônimo Moscardo, Ministro da Cultura e representante do Dr. Itamar Franco, Presidente da República.

☐ Exmo. Sr. Escritor Edmundo Moniz, Secretário de Cultura e representante do Dr. Leonel Brizola, Governador do Estado.
☐ Exmo. Sr. General-de-Exército Rubens Bayma Denys, Comandante Militar do Leste.
☐ Exmo. Sr. Major-Brigadeiro Silva Gomes, Comandante do III Comar.
☐ Exmo. Sr. Vice-Almirante Waldemar Canellas Júnior, Comandante do 1.º Distrito Naval.
☐ Exmo. Revmo. Dom Eugênio Sales, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro.
☐ Exmo. Sr. Acadêmico Josué Montello, representante da Academia Brasileira de Letras.
☐ Exmos. Srs. Roberto Marinho e Adolpho Bloch.
☐ Exmo. Sr. Abrahão Koogan.
☐ Minhas Senhoras e Meus Senhores.

A própria adversidade faz do nordestino um forte. Se ele sobrevive às doenças, à ignorância e à miséria acaba se transformando, em geral, num notável excedente da vida.

É o que se pode dizer de Murilo Melo Filho, que hoje homenageamos aqui no Pen Club, saudando a sua entrada neste importante clube de intelectuais de estirpe. Murilo é uma pessoa incomum, seja pela sua formação moral, seja pela qualidade dos seus méritos profissionais. Conheço-os desde 1955. Juntos trabalhamos por 37 anos, compartilhando dos momentos de glória de Bloch Editores, e também das suas dificuldades. Nada acinzentou nossa amizade.

Lembro meus primeiros passos na chefia de reportagem de *Manchete*, nos idos de 1960, e o sacrificado compromisso de Murilo com as notícias da Capital, para onde fora enviado por Adolpho Bloch. O seu prestigioso "Posto de Escuta" era por mim recebido semanalmente, com notícias frescas de Brasília, por ele sempre colhidas com exclusividade.

No telefone, quando anunciava a remessa, pontual como convinha a um ex-marista, Murilo repetia o apelo para que se mantivesse a integridade da coluna ("pelo amor de Deus, não permita enxertos") e aproveitava para reclamar a poeira da cidade ainda em construção. Brasília hoje é um patrimônio da humanidade, cidade praticamente acabada, mas logo depois da inauguração ainda nela se sofria com a poeira e a lama dos seus espaços generosos.

Nada disso, no entanto, arrefecia o ânimo do nosso homenageado. Nascido em Natal (com muita honra), transformou-se em orgulhoso *candango,* acompanhando muito de perto, com a sua inseparável Norma, a aventura juscelinista de construir, no Planalto Central, a capital mais moderna e mais luminosa do mundo.

A admiração por Murilo envolve a inteireza do seu caráter, mas abarca igualmente sua enorme experiência profissional. Ele foi — e pouca gente recorda isso — um pioneiro do jornalismo político na televisão. O seu "Congresso em Revista" fazia o maior sucesso na antiga TV Rio, entrevistando as personalidades da época e antecipando notícias que causavam inveja aos jornais cariocas. Muitos anos depois, tive o privilégio de contar com a presença constante do nosso homenageado no programa "Debate em Manchete", apresentado durante mais de oito anos, no Canal 6, com forte dosagem política. Era correto, digno, o mesmo Murilo, sério, compenetrado, bem-informado, respeitado pelos seus colegas e pelo mundo político brasileiro, que nele na verdade identifica uma espécie de patriarca do gênero hoje consagrado na imprensa brasileira — e de que ele foi competente pioneiro.

Falei do Murilo jornalista, do seu estágio em Brasília, do seu pioneirismo na televisão, para confessar agora a nossa ligação de amizade. Uma espécie de fraternidade, hoje rara, e que se estabelece por quê artimanhas do destino. Gosto do Murilo como irmão e, por isso mesmo, ao nascer a minha filha Sandra, há 25 anos, combinei com Ruth que o padrinho estava escolhido. Daria a Murilo Melo Filho a honra de assinar a certidão de nascimento da nossa terceira filha, para que assim se eternizasse a amizade que nos une. Padrinho e afilhada se orgulham desse afetuoso compromisso.

A Carreira Literária

Homem de acordar cedo, extremamente metódico, Murilo não é apenas o jornalista consagrado, mas o ensaísta de amplos méritos. Um escritor preocupado com as questões vitais do seu País. Foi assim que adquiriu intimidade com o conceito de imortalidade, como a compreender e praticar o que Goethe nos aconselhou:

"O homem deve crer na imortalidade, tem direito a ela, é conforme a sua natureza. A crença em nossa perpetuidade brota do conceito de atividade."

Ao mesmo tempo que trabalhou no *Correio da Noite*, na *Tribuna da Imprensa*, no *Jornal do Commercio* e em *O Estado de São Paulo*, até se fixar na *Manchete*, Murilo encontrou tempo para formar-se em Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, para glória das nossas letras, escreveu diversos livros, todos eles mesclando a sua alma de jornalista com uma nítida vocação para o ensaio.

Assim, tivemos o "Cinco Dias de Junho", em que fomos parceiros, ao lado de R. Magalhães Jr. e Joel Silveira; "O Assunto é Padre" (igualmente uma co-autoria); "Reportagens que Abalaram o Mundo", com Carlos Lacerda, Samuel Wainer, Octavio Malta e Francisco de Assis Barbosa; "O Desafio Brasileiro", com 80 mil exemplares vendidos e o Prêmio Alfredo Jurzikowski, da Academia Brasileira de Letras, além de uma bem-sucedida versão espanhola; depois veio "O Modelo Brasileiro", que ganhou o Troféu Juca Pato, na Associação Paulista de Escritores; "Memória Viva" e agora uma homenagem à sua terra natal: "O Nosso Rio Grande do Norte". É uma produção literária de primeira qualidade.

Modesto por natureza, sóbrio em sua humildade diante da vida, religioso ao extremo, no que é acompanhado pela sua dedicada e querida Norma, além dos filhos Nelson, Fátima e Sérgio — sem deixar de citar a encantadora neta Janaína — Murilo Melo Filho é um ensaísta inconformado com as dificuldades do crescimento brasileiro. E por isso escreve, compulsivamente, como se quisesse comprometer mais gente com as suas idéias de progresso.

O lançamento dos seus livros sempre foi um exercício de paciência para os seus incontáveis admiradores, pois as filas para obter a graça de um autógrafo sempre foram quilométricas. Ao entrar para o pequeno círculo de escritores do Pen Club, no auge das suas atividades jornalísticas e literárias, Murilo incorpora o compromisso de prosseguir com entusiasmo na sua bonita carreira, a que agora se agrega esta láurea de amplos méritos.

Dia virá, como pediu o escritor Carlos Heitor Cony, que será feito o seu livro de memórias. Mas concordo que ainda é cedo.

As Missões Jornalísticas

Como disse, convivemos em "Manchete" durante mais de 30 anos. Todas as missões jornalísticas de relevo eram entregues a Murilo sem qualquer titubeio, pois era a garantia de textos originais e uma rigorosa precisão na chegada das reportagens. Assim, o nosso homenageado acompanhou os ex-presidentes Juscelino Kubitschek a Portugal; Jânio Quadros a Cuba; João Goulart ao México e ao Chile; Emílio Médici aos Estados Unidos e Portugal; Ernesto Geisel à França, Inglaterra, Alemanha e Japão; João Figueiredo ao Chile, Paraguai, Argentina e França; e mais recentemente José Sarney a Portugal e aos Estados Unidos.

Aliás, a esse propósito, posso testemunhar que descanso, para ele, é mesmo trabalho. Estávamos em férias em Paris, com as respectivas esposas, quando soubemos do casamento de Márcia Kubitschek em Lisboa. Fomos para a capital portuguesa, em 1964, e registramos em texto e fotos a lindíssima cerimônia que deixara de ser realizada em nosso País por motivos meramente políticos, e, por isso, indefensáveis. A alma do repórter falou mais alto do que o eventual cansaço.

Numa cerimônia em que devemos exaltar os méritos de quem chega ao nosso convívio é preciso dizer mais. Para recordar que Murilo foi o primeiro jornalista brasileiro a cobrir a guerra do Vietnã, em 1967, e a guerra do Camboja, em 1973, incorporando-se ao seu acervo de entrevistas nomes como De Gaulle, Fidel Castro, Kennedy, João XXIII, Frondizi, Eisenhower, Golda Meir, Selassié, João Paulo II, Johnson, Ben Gurion, Guevara, Indira Gandhi, Sukarno, Peron, Elizabeth II, Salazar, Dayan, Hiroito, Nixon, Reagan, Adenauer, Franco e Ho-Chi-Min, num acervo de reportagens como certamente não há similar na história da imprensa brasileira. Murilo foi 32 vezes à Europa e 27 vezes aos Estados Unidos.

Conhece os picos gelados de Zermat, na Suíça, e as planícies imensas da Califórnia, além do Saara; os templos sagrados de Angfor e de Kioto; os lugares exóticos de Bangkok e de Phnom-Penh; as geleiras de Anchorage, no Pólo Ártico e as tórridas plantações de cacau na Costa do Marfim — enfim, é um cidadão do mundo, pois tendo ido aos lugares mais distantes, jamais perdeu a sua brasilidade, o amor devotado ao nosso

País, que deseja ver desenvolvido, como ele sempre diz, para alegria do seu povo.

A Imortalidade

Desde menino, Murilo alimentava o recôndito desejo de dedicar-se à literatura. O jornalismo político foi um derivativo. Ao ingressar, por unanimidade, na Academia Norte-Riograndense de Letras, fundada por mestre Câmara Cascudo, Murilo foi enfático ao assumir a cadeira nº 19:

"Aqui estou chegando depois de uma longa e penosa trajetória, que começou aos 12 anos de idade, nesta minha querida cidade de Natal. Aqui ficaram as recordações de uma infância pobre e modesta, mas feliz e inesquecível..."

Citando a poeta Palmyra Wanderley, Murilo emocionou-se com as suas palavras:

"Tu és mãe, na doçura do teu regaço morno, na encarnação sublime dos teus filhos ilustres, dos teus mártires, dos teus sábios, dos teus poetas, dos teus heróis."

Murilo guarda com especial carinho a sua bonita condição de potiguar, que o sotaque não nega, reiterando sempre o que para ele é uma característica do seu Estado: "Ele é geograficamente pequeno, mas intelectualmente grande." Na verdade, uma terra que foi capaz de dar ao Brasil um homem da estatura de Luiz da Câmara Cascudo, reconhecido internacionalmente, não pode ser chamada de pequena, em termos culturais. A responsabilidade de Murilo é maior, por isso mesmo.

Uma Profissão Fascinante

Depois de 40 anos de exercício como jornalista e ensaísta, Murilo se reconhece um homem profissionalmente realizado: "Eu nunca quis ser outra coisa!" O seu código de ética pode ser resumido numa expressão que lhe é própria:

"Tentei devolver à minha profissão, em dedicação e trabalho, tudo quanto até hoje dela recebi. Considero uma profissão fascinante, quando exercida com dignidade, entusiasmo e correção."

Não há um fato que deslustre o seu desempenho, em qualquer dos campos a que se devotou, pois sendo um homem

FARN

profundamente religioso, temente a Deus, pautou sua conduta segundo padrões éticos irreprocháveis. Daí a enorme admiração que lhe é dedicada pelos inúmeros amigos feitos e conservados ao longo da sua bonita travessia. Ter amigos é um dom extraordinário, mantê-los é algo ainda mais importante. É a característica do novo membro do Pen Club, que agora acolhemos com tanto entusiasmo.

Em termos biográficos, citamos o Murilo que todos conhecemos e amamos. É preciso, no entanto, que se faça referência ao seu pensamento, por onde se verá a forma lúcida e cristalina com que ele encara a vida.

Entrevistou reis, rainhas, príncipes, ditadores, chefes de Estado, presidentes da República, homens todo-poderosos, durante mais de 40 anos, para concluir que o melhor sistema de governo é mesmo a democracia representativa.

Conviveu na "Tribuna" com alguns dos maiores jornalistas brasileiros de todos os tempos, como Carlos Castelo Branco, Villas-Boas Correa, Hermano Alves, Lêdo Ivo, Odylo Costa Filho, Newton Carlos, Nertan Macedo, Zuenir Ventura, Araújo Neto, Carlos Lemos, Macedo Miranda, Luís Garcia, Luís Lobo, para mostrar que, com idealismo, as questões meramente materiais tornam-se secundárias.

Proclamou os ensinamentos vitais recebidos de Adolpho Bloch, "baseados na experiência, sabedoria e sofrimento de mais de 5 mil anos do povo judeu". O que mais vale na vida é mesmo o trabalho.

Foi pioneiro em Brasília, desde os primeiros momentos, para ajudar JK a provar que o nosso povo seria capaz de uma façanha daquele porte. Suas reportagens em *Manchete* ajudaram a opinião pública a entender melhor a importância da mudança da Capital para o Planalto Central, rebatendo críticas de personalidades retrógradas que teimavam em arrasar a grande decisão do fundador de Brasília.

Assistiu a "guerras estúpidas", um morticínio sem sentido. E para quê? — costuma perguntar.

Para concluir que o Brasil tem uma série de "probleminhas", com soluções à vista. "Basta só um pouco de juízo e de equilíbrio da nossa classe política." Para ir além: "O Brasil de hoje tem de queimar etapas e dar o seu grande salto. Teremos de fazer, nos próximos 20 anos, o que outros países levaram

200 anos para fazer. A atual geração de brasileiros viu-se de um momento para outro chamada a cumprir uma fascinante missão: a missão de dizer se ela foi, ou não, competente para construir uma sociedade justa, uma sociedade moderna, uma sociedade progressista, que as gerações anteriores, por motivos que não nos cabe discutir, não puderam viabilizar. Estamos definitivamente resolvidos a provar a nossa capacidade como povo e a nossa viabilidade como nação. O nosso objetivo, hoje, é a prosperidade."

É a frase que mais apreciamos no discurso de Murilo Melo Filho. Ela sintetiza toda a sua crença inabalável em nosso futuro, que dependerá, certamente, do trabalho dos nossos líderes, nos vários setores da sociedade brasileira, como o da cultura, em que Murilo representa luminosa presença.

Seja bem-vindo ao Pen Club, que se regozija com a sua abençoada aquisição.

Sessão Solene

Posse no Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras

Numa solenidade presidida pelo acadêmico Marcos Almir Madeira e que contou com a presença de mais de 600 convidados, o jornalista Murilo Melo Filho tomou posse como Membro Titular do Pen Club do Brasil.

Estavam presentes na Mesa Diretora: o Ministro da Cultura, Embaixador Jerônimo Moscardo, representante do Presidente Itamar Franco; o Secretário de Cultura, Edmundo Moniz, representante do Governador Leonel Brizola; o General Rubens Bayma Denys, comandante da Zona Militar do Leste e representante do Ministro do Exército, General Zenildo de Lucena; o Almirante Waldemar Canellas, Comandante do 1.º Distrito Naval e representante do Ministro da Marinha, Almirante Ivan Serpa; o Brigadeiro Silva Gomes, Comandante do III Comar e representante do Ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Lélio Lobo; o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales; o jornalista Roberto Marinho, das Organizações "O Globo"; Adolpho Bloch, das Empresas Bloch; o acadêmico Josué Montello, representante da Academia Brasileira de Letras; e o editor Abrahão Koogan.

O jornalista Murilo Melo Filho foi saudado pelo professor e acadêmico Arnaldo Niskier, que lhe deu as boas-vindas em nome do Pen Club. Falando a seguir, o novo Membro Titular do Pen Club historiou a sua longa carreira como jornalista. Interrompido nove vezes por aplausos demorados, disse, entre outras coisas, o seguinte:

— A este Pen Club estou chegando com os olhos bem abertos da minh'alma, ávidos, jejunos e sedentos de novos estímulos, que tantos talentos juntos podem oferecer. O meu coração e a minha cabeça ainda estão jovens, testemunhando a evolução de uma Humanidade em crise permanente. Entro nesta Casa nem muito cedo, nem muito tarde, nem muito moço, nem velho ainda, mas naquela idade ideal e adequada a receber, como recebo nesta noite, a homenagem deste Pen Club do Brasil — uma homenagem nascida nas vossas mentes e nos vossos corações.

O jornalista Murilo Melo Filho recebeu mais de 200 mensagens de ministros, governadores, secretários de estado, senadores, deputados federais e estaduais, militares e empresários.

O Presidente Itamar Franco assim se manifestou:

— Que esta sua eleição para o Pen Club do Brasil seja o justo reconhecimento à correção, dignidade e honradez de sua carreira como jornalista que enobrece e dignifica a imprensa brasileira.



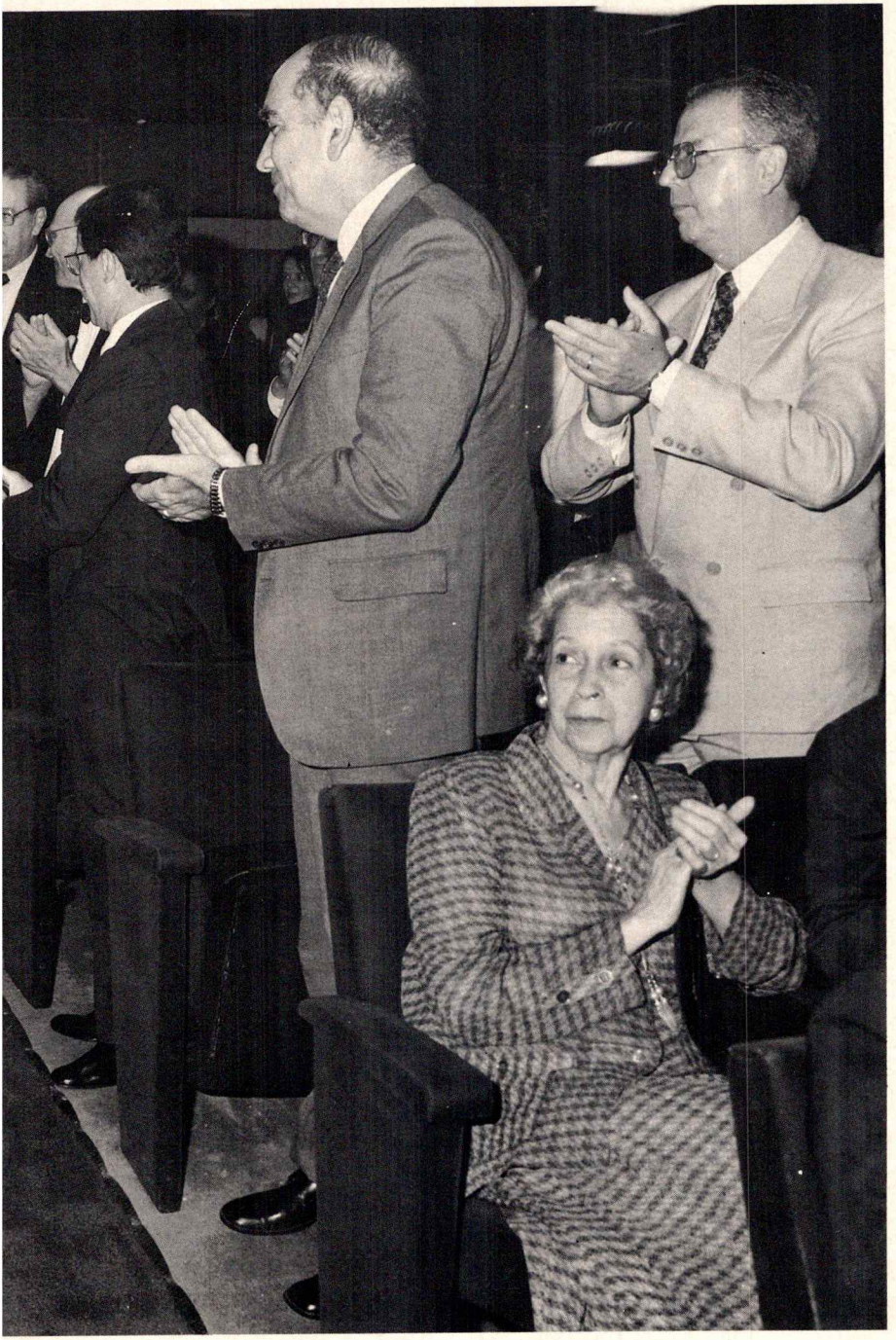
O presidente do Pen Club do Brasil, o acadêmico Marcos Almir Madeira, entrega ao jornalista Murilo Melo Filho o seu diploma como Membro Titular.



Murilo Melo Filho: "Neste Pen Club, encontro caminhantes e andarilhos de outras peregrinações, reunidos nesta noite, com tantos outros e tão carinhosos amigos, para recepcionar o novo peregrino, que está sendo entronizado neste Olimpo de deuses terrestres."



Introduzido e acompanhado pelo Senador Darcy Ribeiro, pelo Embaixador Antônio Fantinato e pelo Editor Ênio Silveira, o novo membro do Pen Club entra no auditório da ABL.





Saudação de Arnaldo Niskier: "Depois de 40 anos de imprensa, Murilo se reconhece um homem plenamente realizado. Nunca quis ser outra coisa na vida senão jornalista."



Cerca de 600 pessoas — embaixadores, empresários, jornalistas, militares, escritores e acadêmicos — lotaram o amplo auditório do Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras.





Discurso de Murilo Melo Filho: "Quem sai de Natal, como eu saí, há mais de 40 anos, dela sempre se lembra. Pois ali ficaram as recordações de uma infância pobre e modesta, mas feliz e sonhadora."

Sra. Anna Bentes Bloch, ladeada pelas Sras. Ilma Melo Diniz e Norma Viana Melo.



Ao lado do Major-Brigadeiro-do-Ar Antônio Joaquim da Silva Gomes Júnior, Comandante do III Comar, o Sr. Adolpho Bloch, visivelmente emocionado, cumprimenta o novo membro do Pen Club.

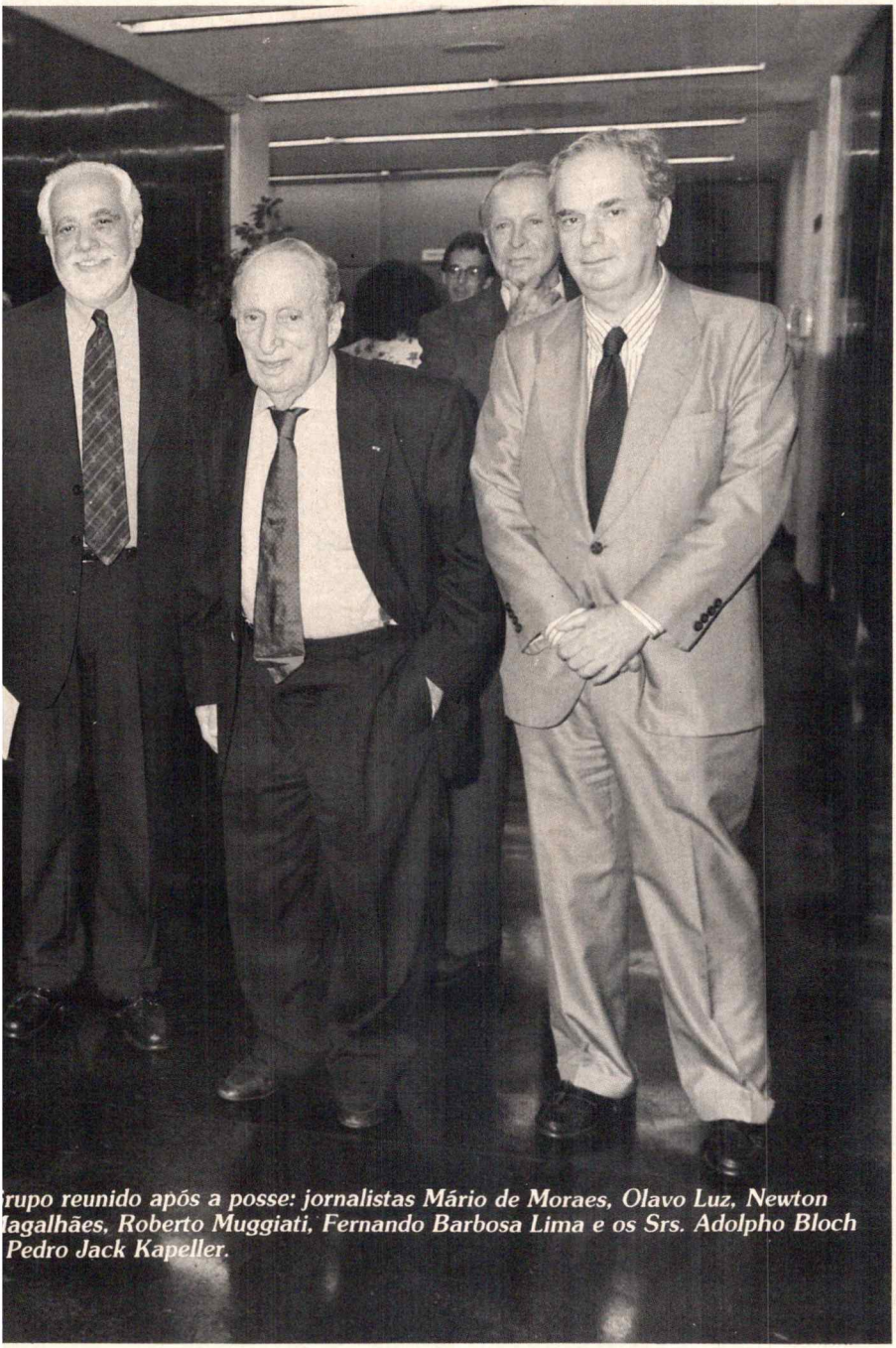


Tendo à sua direita o Vice-Almirante Waldemar Canellas Júnior, Comandante do I Distrito Naval, e à sua esquerda o escritor Edmundo Moniz, Secretário de Cultura do Rio de Janeiro e representante do Governador Leonel Brizola, o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Eugênio Sales, aperta a mão do jornalista Murilo Melo Filho.



Coube ao jornalista Roberto Marinho, com o General Rubens Bayma Denys, Comandante Militar do Leste, e o Ministro Jerônimo Moscardo, da Cultura, cumprimentar o homenageado.





rupo reunido após a posse: jornalistas Mário de Moraes, Olavo Luz, Newton lagalhães, Roberto Muggiati, Fernando Barbosa Lima e os Srs. Adolpho Bloch Pedro Jack Kapeller.

MURILO MELO FILHO

Discurso de posse como Membro Titular do Pen Club do Brasil.

☐ Exmo. Sr. Escritor e Acadêmico Marcos Almir Madeira, presidente do Pen Club do Brasil
☐ Demais Autoridades.
☐ Excelências.
☐ Minhas Senhoras e Meus Senhores.
☐ Meus Colegas do Pen Club.

Aqui estou chegando depois de uma longa e penosa trajetória, que começou aos 12 anos de idade, quando, ainda de calças curtas, lá na minha querida Cidade de Natal, entrei pela primeira vez na redação de um jornal, *O Diário*, para ganhar o então rico salário de 50 mil réis por mês.

Natal era, nessa época, em 1940, uma cidade de 50 mil habitantes, que iria enfrentar os anos duríssimos da Segunda Grande Guerra.

Mas, já era a Cidade do Sol; a pastorinha, a lapinha e a Cidade-Presépio. Cidade menina, mulher, brejeira, dengosa, faceira, quase erótica e sensual. Cidade de Mestre Luís da Câmara Cascudo, dos bairros típicos, das praias lindas, dos

lugares tradicionais, dos pescadores corajosos, das dunas brancas e selvagens, dos coqueiros luxuriantes, dos mares de sargaços, dos cajueiros enfeitados, das mangueiras exóticas. Cidade que resistiu aos holandeses e que iria transformar-se no Trampolim da Vitória. Cidade avançada do Brasil no rumo da África. Cidade-cais da Europa, traçada e planejada, já em 1930, pelo gênio urbanístico do arquiteto italiano Giácomo Palumbo. Cidade de gente agradável e simpática.

Quem vai a Natal não a esquece jamais.

Quem sai de Natal, como eu saí, há mais de 40 anos, dela sempre se lembra.

Pois ali ficaram as recordações de uma infância pobre e modesta, mas feliz e sonhadora. Ali ficaram igualmente a admiração e o respeito que devoto aos homens cultos, aos pensadores, magistrados, poetas, escritores, médicos, empresários, juristas, políticos, professores, advogados e jornalistas da minha terra.

Aqui me encontro também após uma áspera e sofrida maratona pelo Brasil e pelo mundo inteiro, com algumas turbulências e com alguns acidentes de percurso. Durante essa caminhada — em areias não raro movediças — muito andei, muito vaguei e muito peregrinei. Trago na sola dos sapatos aquilo que Manuel Bandeira chamou "a poeira das extensas estradas percorridas". Esta viagem, porém — com a mesma viseira, a mesma bússola e a mesma náutica — vai prosseguir ao nível de uma travessia sem retorno.

Senhor Presidente Marcos Almir Madeira

Mandam a praxe e a tradição que eu fale sobre o Pen Club e sobre o meu antecessor, Abrahão Koogan, promovido a Sócio Benemérito e ao qual me cabe suceder nesta Cadeira de Membro Titular.

Começo então pelo Pen Club International, já existente hoje em 87 países, e fundado em Londres, no ano de 1922, por George Bernard Shaw, o extraordinário autor de *Pygmalion,* de *Caesar and Cleopatra* e de *My Fair Lady,* que, logo depois de terminada a Primeira Grande Guerra, liderou um grupo de intelectuais ingleses, saídos daqueles escombros, e que defendiam a união dos homens de letras.

Coube ao próprio Bernard Shaw batizá-lo com as iniciais: *P* (de Poets), *E* (de Ensaists and Editors) e *N* (de Novelists).

Nesta sigla engenhosa, com uma fusão graciosamente didática, o grande escritor e dramaturgo irlandês prestou também uma homenagem ao instrumento de trabalho dos poetas, dos ensaístas, dos editores e dos novelistas, que são os atuais romancistas: o Pen Club, em seu nome, reverenciava a *pena*, hoje inteiramente superada pelas modernas máquinas de escrever e pelos sofisticados computadores.

Já o Pen Club do Brasil, como Centro da Associação Mundial de Escritores do Rio de Janeiro, foi fundado em 2 de abril de 1936, por Cláudio de Souza, que lhe doou um apartamento na Praia do Flamengo, onde até hoje está a sua sede efetiva, neste momento transferida provisoriamente, por algumas horas apenas, para este Centro Cultural da Academia Brasileira de Letras, a fim de ser realizada a solenidade desta posse.

Sucederam-se na sua presidência os magníficos Celso Kelly e Umberto Peregrino, além deste admirável presidente e acadêmico Marcos Almir Madeira que, com a ajuda de Deus, haverá de permanecer nesta Presidência e nesta Academia por muitos anos ainda.

Eleito pelo voto livre, soberano e abrangente de todos os seus Membros Titulares, assumo hoje este mandato, sem prazo para terminar; porque é vitalício, na esperança de tudo fazer pelo somatório e de ser pelo menos um bom sócio e um bom companheiro.

Vamos conviver juntos e vamos nos ajudar mutuamente, pelo resto de nossas vidas.

Neste Pen Club, encontro caminhantes e andarilhos de outras peregrinações, reunidos nesta noite, com tantos outros e tão carinhosos amigos, para recepcionar o novo peregrino, que está sendo entronizado neste Olimpo de deuses terrestres.

Enfim, aqui me tendes, após uma escalada de muitos anos, nesta tribuna que é uma das maiores recompensas da minha vida e um dos maiores incentivos ao meu jornalismo.

Eis-me aqui, ao vosso lado e a vosso serviço. Elegestes um homem que foi até agora, única e exclusivamente, um jornalista profissional e participante do seu tempo, do seu povo e do seu país, envolvido com os dramas de um velho mundo e de um velho século, que se debatem nos estertores de uma agonia

in extremis, ao lado de um mundo novo e de um novo milênio, emergentes, que nascem envoltos em grandes esperanças. (Palmas).

Aqui, não me sinto um estranho no ninho. Estou ingressando numa confraria de fraternais amigos da juventude e da adolescência, antigos mestres e professores, feições familiares, pessoas ligadas a mim por laços de uma profunda afeição.

Declino, como reverência, os nomes de alguns desses consórcios, que são também emblemáticos e nossos anfitriões desta noite, como membros da Academia Brasileira de Letras:

— Barbosa Lima Sobrinho, decano ao mesmo tempo desta Academia e deste Pen Club; Antônio Houaiss, Ledo Ivo, Arnaldo Niskier, Alberto Venâncio Filho, Dom Marcos Barbosa, Rachel de Queiroz, Josué Montello, Dias Gomes, Evaristo de Moraes Filho, Darcy Ribeiro, Nélida Piñon, Oscar Dias Corrêa, Geraldo França de Lima, Eduardo Portella, Marcos Vilaça, Lyra Tavares, Herberto Salles, Roberto Marinho, José Sarney, Ivo Pitanguy, Marcos Almir Madeira, João de Scantimburgo, Lygia Fagundes Telles, Miguel Reale, Abgar Renault, Afrânio Coutinho, Ariano Suassuna, Bernardo Elis, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Chagas Filho, Carlos Nejar, Cyro dos Anjos, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, Mário Palmério, Sérgio Corrêa da Costa, Sérgio Rouanet e João Ubaldo Ribeiro, além do saudoso Austregésilo de Athayde. (Palmas).

Eles representam quase todos os segmentos profissionais e intelectuais da nossa sociedade: o Magistério, a Medicina, a Advocacia, o Jornalismo, a Diplomacia, a Literatura, a Poesia, o Romance, o Exército, a Igreja, a Magistratura, as Artes e a Política.

Têm os nomes marcados para sempre como ocupantes destas cadeiras. É como se estivessem imunizados contra o esquecimento. Cultivam a esperança de que nem tudo desaparecerá com eles e de que terão uma sobrevivência na lembrança da posteridade.

Um acadêmico muito irônico costumava aconselhar os seus colegas, quando atravessassem uma rua, a terem cuidado com o tráfego e com a disparada dos automóveis, porque, afinal de contas, todos eles são imortais, sim, mas não tanto... Não são imorríveis... (Risos).

Os Pen Clubs e as Academias de Letras têm apenas uma síndrome e um tabu: o de que, aqui dentro, não se deve falar em vagas, pelo menos enquanto elas não existirem... Como ocupante desta Cadeira, mando desde já um aviso aos candidatos e aos pretendentes: não tenciono desocupá-la tão cedo... (Risos).

Porque alguns candidatos vislumbram nos acadêmicos e nos Membros Titulares do Pen Club apenas dois Vs: o *V* da vaga e o *V* do voto... (Risos).

Meus Caros Colegas

Os atuais Pen Clubs não são maniqueístas nem bipolares: eles não funcionam — nem como sindicatos, para defesa dos interesses de classe ou de uma categoria, nem como sodalícios poéticos e líricos — mas sim como organizações afirmativas de defesa dos princípios e dos direitos realistas do homem moderno, que é cada vez mais um animal convivente, um ente permutante e uma entidade circunvizinha, dentro do processo de globalização deste Planeta, que Marshall McLuhan chamou de Aldeia Global.

Fundado há 57 anos, este Pen Club do Brasil tem sido um desmentido vivo aos vaticínios, que prevêem vida curta a instituições culturais, pois sobrevive há mais de meio século, como guardião das mais sagradas relíquias da inteligência e da sabedoria.

Transformado numa Casa respeitável, ele foi, é e será sempre uma inexpugnável cidadela intelectual. Para mim, ele continuou sempre o mesmo, indene às convulsões e aos temporais políticos, como um santuário inabalável de valores imortais.

A este clube, como seu lema *paz, liberdade e justiça,* estou chegando com os olhos bem abertos da minh'alma, ávidos, jejunos e sedentos de novos estímulos, que tantos talentos juntos podem oferecer.

Nele não se aperfeiçoam os escritores, os poetas e os jornalistas, que já chegam feitos, para aqui encontrarem a tranqüilidade e a contemplação da obra realizada, com a recompensa da glória e do reconhecimento.

O meu coração e a minha cabeça ainda estão jovens, testemunhando a evolução de uma Humanidade em crise permanente.

Estou entrando nesta Casa nem muito cedo, nem muito tarde, nem muito moço nem velho ainda, mas naquela idade ideal e adequada a receber, como recebo nesta noite, a homenagem deste Pen Club do Brasil, no qual ingresso com a humildade dos felizes e com a felicidade dos humildes — como se fosse um beato, religioso, diante do santo de sua veneração.

Ele preenche os sonhos de quem, como eu, não tem nem nunca teve pretensões políticas, nem ambições de fortuna ou de riqueza pessoais, embora reconheça, em quem as tem e possui, como conquistas justas, honestas, razoáveis e legítimas.

Não tenho mais idade nem tempo para ser um homem rico. Resta-me, então, viver de compensações como as que me são dadas neste momento.

Sinto-me feliz e realizado, porque, além da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras — na qual tomei posse há 9 meses — eu sonhei com este Pen Club do Brasil. Eu ambicionei este Pen Club. E dizem que as coisas na vida, sonhadas e ambicionadas, quando conquistadas, têm um sabor todo especial.

Esta Casa sempre esteve nos meus planos e nos meus projetos de vida.

Lembro-me bem dos meus tempos de adolescente, recém-chegado aqui no Rio, quando, embevecido, assistia à posse formal e cerimoniosa dos novos membros do Pen Club e prometia a mim mesmo:

— Um dia, eu chegarei aqui.

E hoje cheguei, meus amigos, (palmas), cheguei trazido por tantos votos generosos e acolhedores.

Minhas Amigas e Meus Amigos

Sobre Abrahão Koogan, meu antecessor, aqui presente conosco, pleno de saúde e de vida, tenho a dizer que se trata de um maravilhoso judeu, russo de nascimento, porém tão brasileiro quanto qualquer de nós: sua nova nacionalidade não adveio do nascimento, mas sim da adoção.

Por vontade própria, ele escolheu o Brasil como sua pátria, quando aqui chegou em 1920, tangido pela Diáspora que

espalhou o seu heróico povo judaico através do mundo inteiro, trazendo para o Brasil, além dele: Adolpho Bloch, Samuel Mallamud, Pedro Bloch, Bernardo Daim, Leon Feffer, Wolf Klabin e vários outros.

Abrahão Koogan foi um caixeiro-viajante que, já em 1926, estava vendendo livros lá em Natal. A bordo de um navio, o *João Alfredo*, e, saindo de Salvador, levou 15 dias de viagem para chegar até Belém do Pará. Hoje, esse mesmo trecho é feito em apenas 4 horas de avião.

Em 1930, a sua Editora Guanabara lançava obras importantes, como *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert; *A Mãe*, de Máximo Gorki, e *Uma Vida*, de Guy de Maupassant.

Nos meses seguintes, editou livros de Rui Barbosa, Olegário Mariano, Rodrigo Otávio, João Ribeiro, Aloísio de Castro, Medeiros e Albuquerque, Afrânio Peixoto, Pedro Calmon — por uma feliz coincidência, todos eles também acadêmicos e *imortais*. (Parece até que Koogan, com excepcional premonição, estava adivinhando esta noite esplendorosa, neste Auditório da Academia Brasileira de Letras.)

Junto à Sociedade Psicanalítica Internacional, de Viena, e junto ao próprio Sigmund Freud, em 1932, conseguiu os direitos para editar grandes livros sobre psicanálise. E, através de contatos diretos, obteve também os direitos autorais para editar no Brasil as obras de François Mauriac, Thomas Mann e Stefan Zweig, de quem se tornou um fraternal amigo.

A partir de 1936, lançou a Biblioteca Científica, com trabalhos dos médicos e cientistas Silva Melo, Antônio Austregésilo, Leonídio Ribeiro, Nina Rodrigues, Artur Ramos e Clementino Fraga.

A etapa seguinte, dentro do seu talento criativo, foi a do lançamento da Grande Enciclopédia *Delta-Larousse*, da qual se originou o *Koogan-Larousse*, que é hoje o *Koogan-Houaiss*, todos eles verdadeiros trabalhos de joalheria, do acadêmico Antônio Houaiss, esse ourives paciente e genial.

Em 1970, recebeu a Medalha Machado de Assis, desta Academia Brasileira de Letras.

Certo dia, condecorado com a Medalha da Legião de Honra, entregue no Consulado-Geral francês aqui no Rio, Koogan declarou que, naquela Casa, terra da França, ele se sentia como se estivesse na sua própria casa. Afinal de contas,

sob a inspiração de escritores como Baudelaire, Anatole France, Marcel Proust e dos três Andrés — o Gide, o Malraux e o Maurois — moldara-se toda a sua formação intelectual.

Ao receber a notícia de que, tendo sido promovido à categoria de Sócio Benemérito do Pen Club do Brasil, e, com a minha eleição para seu sucessor, a mim caberia a missão de fazer-lhe este elogio, Abrahão Koogan comentou:

— Sou um homem feliz, muito feliz mesmo, porque vou ouvir o meu elogio ainda em vida, e de corpo presente. (Risos).

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Ao longo dos séculos, a cultura e a política têm estado sempre de mãos dadas:

☐ O Panteão grego representa a política de Atenas.

☐ As pirâmides do Egito refletem a política dos Faraós.

☐ Dante e a *Divina Comédia* são o resultado da política da Idade Medieval.

☐ A renovação artística, literária e científica da Renascença, que produziu os gênios italianos de Leonardo da Vinci, Michelangelo, Fra Angelico, Ariosto, Maquiavel, Botticelli, Tintoreto, Giotto e Ticiano; o holandês Erasmo de Roterdam; o alemão Gutenberg; os espanhóis Cervantes e El Greco; os portugueses Gil Vicente e Camões; toda essa Renascença fulgurante nada mais foi do que o saldo da orientação política dos seus protetores: os Papas Júlio II e Leão X.

☐ O talento francês, que gerou o brilho de Montesquieu, Voltaire, Chateaubriand, Victor Hugo, Montaigne, Descartes, Molière, Rabelais, Racine, Stendhal, Flaubert, Dumas, Rousseau, Diderot e Balzac, é o retrato da política dos Reis Luíses de França: o Luís XIV, o Luís XV, o XVI, o XVII e o XVIII. (Palmas).

Meu Querido Irmão e Acadêmico Arnaldo Niskier

Nosso afeto comum nasceu nas salas da velha oficina da Rua Frei Caneca, onde Bloch Editores engatinhava os seus primeiros passos, até se transformar no império jornalístico que hoje é e que você tanto ajudou a construir.

Fomos nós dois testemunhas e partícipes de todo esse processo de desenvolvimento e os anos transcorridos ao longo dele só têm conseguido aumentar essa afeição cada vez mais, num painel e num intercâmbio de muito carinho, respeito e admiração.

Temos muitas afinidades: a infância pobre e desvalida; a juventude de muita luta e de muita obstinação; a maturidade de imensas conquistas, como têm sido as suas: de professor catedrático da Universidade do Rio de Janeiro; de Secretário de Estado por duas vezes (de Ciência e Tecnologia e da Educação); autor de importantes obras infantis e educacionais; e membro notável desta Academia Brasileira de Letras.

Mas, sobretudo, a postura do homem inteiro e integral, de corpo e alma, como você tem sido até hoje, competente, sério, limpo, transparente, justo, sensato, digno, equilibrado, colega afetuoso e decente, companheiro insuperável, um paradigma de retidão e de compostura, irmão exemplar e muito querido ao meu coração, que Deus e a vida me deram.

E, antes de mais nada também, o chefe de família dedicado e atento, marido de Ruth, pai de Celso, Andréia e Sandra, avô de Giovanna e Dora, irmão de Sílvio, Odilon, Júlio e Rachel Niskier, todos coesos numa família unida e fraterna.

(De improviso — Retirado da gravação)

Seu discurso de saudação a este colega, seu amigo muito especial — proferido pelo singular e estupendo orador que você é — emocionou-me profundamente.

É a emoção própria de um jovem humilde e modesto, que, aos 18 anos, saiu de Natal, para enfrentar, aqui no Sul do país, os perigosos desafios da vida.

Hoje em dia, quando vejo a perplexidade e a indecisão de alguns jovens de 20 e até de alguns homens de 30 anos — sem saberem ao certo o que querem e para onde vão — eu me pergunto a mim mesmo o que se passava na cabeça daquele rapaz lá de Natal que, menino ainda, e já naquele tempo, decidira ser jornalista no Rio de Janeiro.

Agora, transcorridos tantos anos, volto o meu pensamento para as angústias e sofrimentos que enfrentei nesta assustadora megalópole. O moço tímido das peladas nas areias

do bairro do Tirol, lá em Natal, via-se de um momento para outro aterrorizado ante os estamentos e os arranha-céus da cidade grande, tendo diante de si apenas uma opção e uma alternativa: vencer ou vencer.

Relembro, então, as madrugadas nas redações dos jornais; as aulas noturnas na faculdade de Direito (geralmente dormindo sobre as carteiras, vencido pelo sono e pelo cansaço); o escasso dinheiro para a passagem do bonde; as penosas marchas dos domingos na Infantaria do CPOR.

Certa vez, reuni os meus filhos para contar-lhes todo este mutirão e ouvi de um deles a seguinte pergunta:

— Pai, quer dizer então que para conseguirmos o que o senhor conseguiu na vida, nós vamos ter de enfrentar tudo isto? Nós desistimos. (Risos).

E eu, que pensava estimulá-los, calei a boca.

Mas hoje vos confesso sinceramente que tudo aquilo valeu a pena. Os espinhos da juventude, como as flores de Malherbe, desabrocham agora na maturidade, quando já começamos a dar um balanço sobre o passado e vemos felizes que — mesmo sem sermos nenhum Júlio Cesar —, neste nosso Rubicãozinho, de nada temos para nos arrepender:

— Nem do casamento que, há 34 anos, celebrei com esta mesma mulher, Norma, companheira admirável e que está aqui presente. (Palmas).

Repito que de nada temos para nos arrepender:

— nem dos três filhos que juntos tivemos;

— nem da religião católica que abracei e que ainda hoje professo com tanto fervor;

— muito menos do jornalismo, a profissão que escolhi desde criança, e sobre a qual peço a vossa permissão e paciência para falar um pouco.

Afinal de contas, esse jornalismo me deu acesso a reis, rainhas, príncipes, ditadores, governadores, primeiros-ministros, presidentes da República, chefes de Estado e de Governo, homens todo-poderosos, que entrevistei pessoalmente, ao longo destes 40 anos de trabalhos jornalísticos.

O amor ao jornal, à revista e à televisão ofereceu-me tudo isto a que, a rigor, pelas minhas origens simples e tímidas, eu não teria direito na vida. Ele não me deu faustos nem opulên-

cias, mas me proporcionou uma estabilidade financeira suficiente para dar à minha família uma vida digna, com bem-estar e conforto.

Por estes motivos, nunca fui outra coisa na vida senão jornalista, tentando devolver à minha profissão, em dedicação e em trabalho, tudo quanto até hoje tenho recebido dela, que considero uma profissão fascinante e maravilhosa, quando exercida com dignidade, entusiasmo e correção.

A decisão de ser jornalista no Rio de Janeiro já me fizera amigo e colaborador de Carlos Lacerda na *Tribuna da Imprensa;* de Assis Chateaubriand, San Thiago Dantas e Elmano Cardim no *Jornal do Commercio;* e de Júlio de Mesquita Filho, Prudente de Moraes Neto e Rafael Corrêa de Oliveira no *Estado de S. Paulo.* De todos eles fui redator político.

Essa decisão me aproximou também de Adolpho Bloch e da Revista *Manchete,* que ajudei a fundar no dia 26 de abril de 1952.

Exatamente oito anos depois, na inauguração de Brasília, a 21 de abril de 1960, publicamos uma Edição Especial e Extra sobre a Nova Capital, com um milhão de exemplares, que se esgotaram em 48 horas.

Eu já estava dirigindo a Sucursal da *Manchete* no Plano Piloto de Brasília, onde havia então muita lama ou muita poeira.

Um mês depois que lá me encontrava, recebi de Adolpho Bloch uma lancha com o seguinte bilhete:

— Murilo, aí vai esta lancha para você fazer relações públicas no lago de Brasília. Não faça economia em matéria de relações públicas. Porque os judeus perderam o Cristo por falta de relações públicas. (Risos).

E acrescentava num *post scriptum:*

— Fizeram um mau negócio. Porque um homem como aquele não se perde. (Palmas).

(Lido)

Mas, apesar de toda essa lama e essa poeira, próprias de uma fase de pioneirismo, Brasília, do ponto de vista profissional, foi para mim extremamente importante. Coincidiu que acompanhei ali, em centenas de reportagens, a inauguração da Nova Capital e o fim do governo de JK; a posse de Jânio e os

seus sete agitados meses de mandato, além da sua renúncia; a "batalha da legalidade", a posse e o governo de João Goulart; a instauração do parlamentarismo e os seus três gabinetes, chefiados pelos primeiros-ministros Tancredo Neves, Hermes Lima e Brochado da Rocha; uma rebelião de sargentos da FAB e da Marinha; a revolução de 31 de março de 1964 e o governo do Marechal Castelo Branco.

Minha amizade com Adolpho Bloch tem mais de 40 anos, num convívio de 12 horas diárias. Ele é uma das pessoas que mais influência tem exercido sobre mim, através dos seus ensinamentos de vida, baseados na experiência, sabedoria e sofrimento de mais de 5 mil anos de existência do seu fabuloso povo judaico.

Aproximei-me dele como simples repórter *free-lancer*. Juntos, compartilhamos muitos momentos de alegria e de triunfos. E alguns instantes de tristeza. Mas sempre o vi confiante e otimista.

Adolpho tem um gabinete maravilhoso no 11.º andar do Edifício MANCHETE, decorado com quadros de Manabu Mabe, Jenner Augusto e Enrico Bianco, mas devota-lhe um profundo desprezo. Diz que morreria de tédio se nele fosse trabalhar. Prefere passar o dia inteiro na nossa sala (minha e do Jaquito), no 8.º andar, comandando toda uma imensa organização, de onde fala com os escritórios de Nova Iorque, Paris, Recife, Brasília, Porto Alegre, Belo Horizonte, São Paulo, com presidentes da República, ministros de Estado, generais e governadores. O de que ele gosta mesmo é do tumulto daquele espaço, vizinho às redações, com muitas pessoas em volta, despachando, falando, brigando, rindo, tendo ao lado sua mulher, Anna Bentes Bloch.

Foi no exílio e no ostracismo que mais se aprofundaram o amor e a fidelidade de Adolpho Bloch a Juscelino Kubitschek.

Nos dias atuais, é fácil e até mesmo uma honra fazer elogios a JK. Mas, naquela época, foi muito duro e difícil. Só Deus sabe o quanto.

Minhas Amigas e Meus Amigos

Assim como a demagogia é uma doença da Democracia, o sensacionalismo é uma catarse da Imprensa Livre.

No dia em que Napoleão fugiu da Ilha de Elba, o jornal *Moniteur,* que se editava em Paris, publicou a seguinte notícia: "O antropófago saiu da sua toca."

Quando Napoleão desembarcou no Continente, o mesmo jornal deu a seguinte manchete: "O tirano acaba de desembarcar."

E ao longo dos famosos 100 dias, as manchetes daquele jornal se sucediam no mesmo tom, enquanto Napoleão estava longe: "O monstro pernoitou na cidade de Lyon": "O bandido foi visto a 60 léguas de Paris." "O aventureiro avança a passos largos, mas nunca entrará na Capital."

Acontece, porém, que Napoleão ia mesmo entrar em Paris e as notícias daquele jornal já se modificavam: "O Imperador chegou a Fontainebleau." E, afinal, a grande manchete: "Sua Majestade Imperial, sob aclamação dos seus fiéis súditos, desfilou ontem gloriosamente sob o Arco do Triunfo."

Ainda há pouco tempo, o *Times* de Londres matou um inglês por engano. O homem apareceu depois na redação do jornal, solicitando um desmentido. E ouviu do diretor, Thomas Norton, a seguinte resposta: "Desmentir não podemos jamais. Podemos, quando muito, dar a notícia do seu novo nascimento." (Risos).

E há na imprensa brasileira um caso famoso e lamentável:

— O *Jornal do Commercio* publicou certo dia que: "O Imperador Pedro II havia passeado na Quinta da Boa Vista com apoio em duas *maletas",* em vez de duas *muletas,* evidentemente. Retificou no dia seguinte: "O Imperador Pedro II passeou na Quinta da Boa Vista com apoio em duas *mulatas."* (Risos).

Foi a emenda pior do que o soneto. Se fosse ao menos com Pedro I, ainda bem, mas logo com Pedro II, aquele que se apresentava como um modelo de virtudes...

O jornalismo sensacionalista nasceu na imprensa americana, com a saga de William Randolf Hearst, que começou com um pequeno jornal, o *San Francisco Examiner,* deixado em herança pelo seu pai, um rico proprietário de minas de ouro na Califórnia. Tornou-se pouco a pouco dono de uma cadeia de 40 jornais e 30 estações de rádio.

Invadiu Nova Iorque com o maior sensacionalismo possível, explorando sobretudo o sexo e os grandes escândalos e expondo todas as misérias da sociedade americana.

Excitou tanto a opinião pública e pressionou de tal forma o governo que levou os Estados Unidos à guerra contra a Espanha, para, entre outras coisas, vender armamentos aos espanhóis.

Aos seus correspondentes de guerra, que lhe telegrafavam de Havana, dizendo: "Aqui, tudo bem. Queremos voltar", ele respondia:

"Fiquem aí. Forneçam as reportagens que eu fornecerei a guerra."

Hearst foi retratado por Orson Welles, no filme *Cidadão Kane*.

Rui Barbosa definia o jornalista como sendo *um político do povo* e se definia a si mesmo como *um zelador da nação* e um dos seus olhos, os seus ouvidos, a sua boca e até o seu nariz. Pois é pela imprensa honesta que a Nação respira.

Nos meus 40 anos de profissão, cheguei à conclusão de que um jornalista não se reconhece pelos títulos pomposos que possa ostentar, ou mesmo pelo que chega a escrever, mas pela capacidade de se entregar inteiramente à sua missão.

Não chegaremos ao absurdo de concordar com a cínica definição de John Lester, um inglês muito mordaz, segundo o qual "jornalismo é a arte de escrever, mediante salário, sobre assuntos dos quais os jornalistas geralmente entendem muito pouco"... (Risos).

O jornalismo data praticamente da pré-história, do momento em que o homem fez na caverna a sua primeira inscrição, ou quando Moisés escreveu as Tábuas da Lei.

Portanto, o fenômeno jornalístico é tão velho quanto o próprio homem.

Meus Colegas

Sempre entendi que o jornalista e o escritor têm deveres sagrados para com a família, o País e a sociedade.

Nós, escritores e jornalistas, vivemos da palavra e para a palavra, que nos foi oferecida para que tentássemos imitar a lição de Deus, quando, no início do mundo, tirou do verbo divino todas as suas criações.

Olhando para trás, vejo com alegria que, em mim, não existe nenhuma incoerência, nenhuma ruptura, nenhum blo-

queio e nenhum choque entre o menino de ontem e o homem de hoje, mas apenas algumas dezenas de anos vividos com bastante intensidade, além de um compromisso com a honradez, a dignidade e o trabalho — pontos cardeais, um ideário e o norte que têm balizado e sinalizado a minha vida inteira. (Palmas).

Muitos de nós, aqui presentes, pertencemos a uma geração atormentada e aflita, que mal abria os olhos para a vida e já se deparava com a Revolução tenentista de 1930; com a Revolução constitucionalista de 32; com a Revolução comunista de 35; a ditadura estadonovista de 37; o golpe de mão integralista de 38; a Segunda Grande Guerra de 39 a 45; a deposição do Presidente Getúlio Vargas em 45 e o seu suicídio em 54; a derrubada dos Presidentes Carlos Luz e Café Filho em 55; a tumultuada posse do Presidente Juscelino Kubitschek em 56, com as revoltas de Jacareacanga e Aragarças e a inauguração de Brasília em 1960; a renúncia do Presidente Jânio Quadros, sete meses depois de empossado, em 61; a destituição do Presidente João Goulart em 64; os vinte anos de governos militares até 1984; o sofrimento e a morte do Presidente Tancredo Neves em 85; a megacrise e o impedimento do Presidente Fernando Collor em 1992; e, mais recentemente ainda, a trágica morte do Presidente Ulysses Guimarães.

Há mais de 60 anos, portanto, desde 1930, o Brasil vem enfrentando e sobrevivendo a sucessivas crises políticas.

No transcurso e no espaço da nossa geração, estamos sendo contemporâneos de vários conflitos armados: a Segunda Grande Guerra Mundial, as guerras da Coréia, do Vietnã, do Camboja, Líbano, Irã-Iraque, Israel, das Malvinas, Golfo Pérsico, Angola, Afeganistão, Nicarágua, Iugoslávia e Somália. Na leitura de todas essas tragédias, não vimos o Apocalipse nem o Armagedón, mas temos estado bem perto deles.

Testemunhamos, também — com rápidos *intermezzos* —, a explosão de duas bombas atômicas, as revoluções da cibernética, dos satélites, da informática, da televisão, das telecomunicações, da ecologia e do meio ambiente; as revoluções do computador, dos foguetes, das viagens interplanetárias, do passeio na Lua, da pílula, do aborto, do divórcio, das drogas e da AIDS.

A rigor, esta deveria ter sido uma revolução mais lenta, menos cruel e menos perversa, ao longo de duas ou três gerações. Mas não, ela se processou no decurso de uma geração apenas — justamente a nossa — que foi educada na velha, rígida e pertinaz escola da disciplina, do respeito e da hierarquia, mas que teve de fazer um esforço enorme para readaptar-se e para conviver, co-habitar, co-existir e aceitar a nova ordem, os novos fetiches, *punks, funks,* góticos, carismas, totens, mitos, modismos, credos, questionamentos, os anos rebeldes e os anos dourados, as novas liberalidades, as novas *intelligentsias* e até mesmo o novo vocabulário. (Palmas).

Senhoras e Senhores

Certa noite, lá em Natal, quando eu me encaminhava para o Teatro Alberto Maranhão, a fim de tomar posse na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, seu Presidente, o grande poeta e acadêmico Diógenes da Cunha Lima, bateu carinhosamente no meu ombro e disse o seguinte:

— Vá, Murilo, vá colher os frutos do que você semeou durante todos estes anos.

É provável, realmente, que esteja se encerrando na minha vida — como também na vida de muitos aqui presentes — a fase dura e difícil do plantio, da adubação e da semeadura e que esteja começando a fase mais amena da safra e da colheita, com aqueles frutos a que se referia o Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

Pois a posse desta noite é talvez um dos maiores frutos que já colhi até hoje na árvore frondosa da amizade e da gratidão.

O Deus de todos nós, Todo-Poderoso, decidiu, na Sua Suprema Bondade, que eu vivesse até agora. Valeu a pena, então, ter vivido e sobrevivido a todos estes anos, de tantas lutas, trabalhos, viagens, sacrifícios e batalhas, para estar presente nesta hora de tão cativantes homenagens, nascidas nas vossas mentes e nos vossos corações.

Minhas Amigas e Meus Amigos

☐ Em nome da memória do meu pai, Murilo Melo, de quem herdei não apenas o nome, mas também um imenso

legado de honradez, caráter, trabalho, simplicidade e um edificante exemplo de vida.

☐ Em nome da memória de minha mãe, Herminia, cujo nome rima um pouco com uma leonina heroína, no seu sacrifício anônimo e diário para educar sete filhos, assaz trabalhosos.

☐ Em nome da minha mulher, Norma, dos meus filhos, Nelson, Fátima e Sérgio, da neta Janaína, dos irmãos Herilo, Hênio e Eduardo, das irmãs Ilma, Elma e Ana Emília, do cunhado José Daniel Diniz.

☐ Em nome deles, só me resta agradecer, do fundo do coração, a honrosa presença de todos quantos aqui compareceram para dividir conosco a alegria e a felicidade desta hora.

Deixo a todos o testemunho de uma imensa gratidão, pela paciência com que me ouviram e a certeza de que esta noite restará na nossa memória como simplesmente inesquecível.

Poderia repetir Émile Zola, quando ele disse:

— Muito pouco fiz na vida para tanto merecer.

E eu acrescento agora:

— Verifico e reconheço hoje que a vida me deu muito mais do que realmente mereço.

Senhor Presidente.
Demais Autoridades.
Minhas Senhoras e Meus Senhores.

(De improviso — retirado da gravação)

Devo-lhes uma explicação e um pedido de desculpas pelo adiamento desta solenidade, inicialmente prevista para setembro.

É que não teria o menor sentido nós fazermos uma posse festiva, como esta, com uma recepção e música logo a seguir, numa Casa que *então* estava de luto pelo falecimento do Acadêmico Austregésilo de Athayde, seu grande líder e seu grandioso Presidente... (Palmas), seu grande líder e seu grandioso Presidente, que a liderou e a presidiu durante 34 anos, como um admirável e inesquecível defensor da Cultura e da Inteligência brasileiras.

Este seria um insulto muito grave à sua memória — que ele simplesmente não merecia —, e que nós todos, aqui reunidos, jamais cometeríamos.

Peço-lhes, também humildemente, milhões de desculpas por não ter tido tempo de ser breve e de falar pouco.

Mas devo concluir estas palavras — que espero não tenham sido demasiado enfadonhas — dizendo-lhes, não apenas como membro titular, que já sou, deste Pen Club do Brasil, mas também como jornalista político, *que sempre fui e sempre serei,* dizendo-lhes que o Brasil de hoje tem pressa de queimar etapas e dar o seu grande salto.

Teremos de fazer, nestes próximos 20 anos, quase tudo quanto as Nações hoje já desenvolvidas levaram 200 anos para realizar.

A atual geração de brasileiros, da qual os senhores são líderes, viu-se de uma hora para outra chamada a cumprir uma fascinante missão no plano do desafio: a missão de dizer se ela foi, ou não, competente, para construir uma sociedade justa e uma sociedade progressista, que as gerações anteriores — por motivos que nos cabe discutir — não puderam edificar.

Por todas estas razões, *estamos já agora,* aqui nesta Academia de Letras, aqui neste Pen Club, aqui neste Estado e aqui neste País chamado Brasil, *estamos já agora,* independentemente de facções ideológicas ou de partidos políticos, *estamos já agora* definitivamente resolvidos a provar a nossa capacidade como povo e a nossa viabilidade como Nação.

Pois nossa bandeira é de otimismo. A nossa mensagem é de grandeza. A nossa hora e vez é de participação.

Já e aqui.

Muito obrigado. (Palmas demoradas).

Impresso em Bloch Editores S.A.
Rua Cordovil, 520 — RJ
Rio de Janeiro — Brasil
1994


F000259